

QUANDO O PACIENTE É MAIS IMPORTANTE QUE A DOENÇA

O objetivo da especialidade é fazer um tratamento sem excluir nenhuma forma terapêutica

Exames sofisticados e minuciosos, modernos aparelhos e um leque de recursos tecnológicos ajudaram a ciência na cura e na descoberta de doenças.

É inegável que o avanço da tecnologia foi - e ainda é - responsável por diagnósticos cada vez mais precisos e tratamentos adequados. Porém, tanta modernidade pode ter esfriado um pouco a relação médico-paciente.

O resgate dessa relação, aliado aos diversos tipos de medicinais consideradas não-convencionais ou alternativas, deu origem à medicina integrativa.

Como o próprio nome já diz, seu principal objetivo é fazer um tratamento integral e, em função disso, não excluir nenhum tipo

de forma terapêutica, nem mesmo a medicina convencional.

"Dois médicos, um inglês e um americano, cansados das designações que a medicina não-convencional recebia, como alternativa, holística, natural, decidiram criar este nome", explica Paulo Rosenbaum, especialista em homeopatia e mestre em medicina preventiva.

Segundo ele, o objetivo do tratamento é cuidar do paciente, não importa a forma que será utilizada. "Temos que fazer o melhor para o paciente. Todo tipo de tratamento tem sua importância, sua eficácia e é isso que devemos observar".

Massagens, acupuntura, homeopatia, medicina ayurveda (indiana) e até o remédio podem fazer parte da terapêutica, explica Rosenbaum.

"O que o médico deve é se interessar pela pessoa e individualizar seu tratamento. Antes de ser portador de determinada doença, ele é um ser humano com necessidades, vontades e precisa ser ouvido".

Adesão

Essa abordagem, afirma



o homeopata, se reverte em melhora para o próprio paciente, que se sente mais confiante e sua resposta ao tratamento é muito melhor.

"O paciente colabora, aceita as intervenções e adere a todo o tratamento. Para o médico também é ótimo, pois ele conhece bem o paciente e sabe o que deve ou não propor".

O médico é autor de seis livros na área médica, entre eles 'Medicina do Sujeito: 40 Lições de Prática Unicista'. Mais informações no site www.homeopatia.med.br.

Profissionais estão aderindo

Paulo Rosebaum, que é homeopata, fala que essa corrente vem crescendo cada vez mais, principalmente entre os médicos.

"Apesar de todas as tomografias, ressonâncias e modernidade, essa é uma tendência. Não basta tudo isso se o paciente não se sentir confortável, cuidado pelo médico".

Porém, o especialista comenta que não é porque uma pessoa toma remédios homeopáticos ou faz acupuntura, por exemplo, que ele está recebendo um tratamento integral.

"Há homeopatia e acupuntura mecanizada também. O que a pessoa deve buscar é o conceito de ser tratada de forma total".

Resistência

Mesmo com o crescimento, Rosebaum fala que ainda existe uma certa resistência a algu-

mas abordagens da medicina integrativa.

Como homeopata, ele garante que ainda há um grande desconhecimento. "Tem gente que chega para mim e fala que já fez tratamento homeopático, que a avó dava chá ou que prefere a homeopatia porque não gosta de tomar remédio. E não é nada disso".

Na realidade, a homeopatia estimula a reação do organismo para que ele mesmo se livre de determinada condição adversa.

"O sintoma é algo muito importante para a homeopatia e não deve ser cortado de forma abrupta".

O especialista comenta que existe uma zona cinzenta da homeopatia que ainda não explica como doses tão diluídas de medicamentos podem fazer efeito. "A ciência comprovou que faz efeito, só não se sabe como".

Veja o que é

Medicina integrativa:

nome que veio para corrigir as distorções induzidas pelos termos natural e alternativo. A idéia de uma ação médica integrativa está baseada no conceito desenvolvido por dois autores, Riss e Weil. O primeiro é professor do Royal College of Physicians de Londres, o

segundo, fundador de um programa no ensino médico da Faculdade de Medicina do Arizona (Estados Unidos). Eles sugeriram um trabalho intradisciplinar que integrasse efetivamente as várias práticas terapêuticas. Tal modelo foi nomeado como medicina integrativa

(integrative ou integrated medicine) para, de certo modo, fundamentar uma outra concepção e designação para as práticas médicas comumente chamadas de complementares ou alternativas, como homeopatia, acupuntura, antroposofia, massagens, cromoterapia etc.